

ÍNDICES POSITIVOS

Roberto Rodrigues*

As avaliações do mercado quanto à economia em 2019 são positivas. Segundo dados da FIESP, a expectativa é de um crescimento do PIB da ordem de 2,4 a 2,5%, finalmente animador, e a produção industrial deve aumentar 3,04%, igualmente alvissareira. A inflação deverá ficar em torno de 3,87% e a meta da taxa Selic em 6,50%. Também se espera uma taxa de câmbio média da ordem de 3,70 reais por dólar.

Embora seja positivo um crescimento do PIB de 2,5% (depois de taxa negativa de -3,16% em 2015, outros -3,01% em 2016 e um crescimento pífio de 1% no ano passado), vale lembrar que ainda estaremos avançando muito menos que os grandes países (Índia vai crescer 7,4%, a China outros 6,2%, e os Estados Unidos 2,5% também) e menos que três países sul-americanos (Bolívia e Paraguai com mais 4,2% e Chile com 3,4%). Mas nessa altura, o que mais importa é a comparação conosco mesmo nos desastrosos anos de 2014 a 2017.

Claro que estas expectativas otimistas se devem em grande parte ao discurso do novo governo, com um caráter liberal e promessas de urgência na reforma da previdência, essencial para equilibrar as contas públicas e para iniciar tratativas para outras reformas igualmente necessárias, como a tributária e a política, entre outras. Acenos com privatizações relevantes e a clareza do combate à corrupção são outros temas animadores, fazendo crer na retomada dos investimentos que levarão à redução do maior problema nacional corrente, que é o desemprego, que já vem caindo, embora moderadamente.

Bem verdade que este novo governo herda alguns bons legados do anterior, como a reforma trabalhista, o estabelecimento do teto de gastos do executivo, a inflação abaixo do centro da meta, assim como a taxa Selic. E a grande expectativa se prende à segurança jurídica, elemento fundamental para a retomada dos investimentos.

Todos estes dados levam a um índice de Confiança do Empresário Industrial muito bom, da ordem de 115,7, o mais alto em muitos anos. O nível de utilização da capacidade industrial instalada também já é o mais alto desde 2016, de modo que o cenário industrial é mesmo alentador.

No agronegócio há diferentes dados. As condições climáticas da safra de verão não foram muito favoráveis, de modo que se espera uma quebra da produção de grãos em relação às primeiras expectativas. Só a soja deve ter uma redução de cerca de 12 a 15%, com a agravante de que os preços não reagiram até agora, de modo que a renda bruta dos produtores deve cair em relação ao ano passado, fato que não é tão grave nessa atividade por que os dois últimos anos permitiram capitalização dos empresários. Mas outras culturas, como a cana de açúcar e o café terão safras menores do que se estimava no final do ano passado, com preços estabilizados em níveis inadequados. Com essas notícias, a previsão da CNA é de que o PIB do agronegócio crescerá em torno de 2% no ano, menos portanto do que crescerá o PIB total, o que é uma novidade em muitos anos. Mesmo assim, o Índice de Confiança do Agronegócio atingiu no último trimestre

de 2018 o maior nível desde a sua instituição, da ordem de 115,8. São números bons. Tomara que todos se transformem em realidade para o bem de todos os brasileiros.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV e Embaixador Especial da
FAO para as Cooperativas**

AGROANALYSIS – MAR/2019 – ÍNDICES POSITIVOS